

O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 3\$540 réis — Semestre, 1\$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas — Folha avulsa, 40 réis — Anúncios, 20 réis por linha — Correspondencia não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 3\$000 réis — Semestre, 1\$500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 122

TERÇA-FEIRA 2 DE SETEMBRO DE 1862

SEGUNDO ANNO

EXPEDIENTE

Do 1.º do corrente mez de setembro em diante todos os negocios concernentes á administração deste jornal ficam a cargo de Joaquim Simões Franco, a quem deve ser dirigida toda a correspondencia que não disser respeito á redacção.

AVEIRO

O governo em portaria de 19 d'agosto ultimo, reconhecendo a urgente necessidade de manter a ordem, e desagrar os principios mais sagrados de propriedade, e de segurança individual, e não menos a de prevenir a repetição de factos tão criminosos, como foram os attentados que ultimamente se praticaram contra a mina do Braçal, e seus donos, ordenou que se procedesse ás mais exactas averiguações para conhecer a verdadeira causa dos successos, punir os delinquentes, e os seus instigadores, com toda a severidade das leis, e não menos as autoridades que por seu indesculpavel desleixo fizeram praça para que se cometessem os crimes, contra os quaes se tem indignado todo o paiz.

O governo não podia deixar de providenciar assim.

Os preconceitos, e indisposições populares contra a mina, assumiram tão temerosas proporções, e tanto se tinham deixado enraizar os espiritos da ancia de destruição e de morte, que a não pôr-se cobro ao mal com a efficacia do remedio, cedo reapareceriam naquelles sitios devastações, e muitos outros crimes mais funestos ainda, do que os que acabam de servir de thema á portaria de 19 d'agosto.

Poder-se-hão saber as causas por tal forma que não tenham a lamentar-se reincidencias?

Investigar-se-ha com minucioso escrupulo quem foram os incitadores da população, os semeadores de doutrinas que tão tristes resultados produziram? E pedir-se-ha a reparação de tantos danos causados, a quem em boa razão e bom direito cumpre pedir-a?

Eis ali perguntas a que não sabemos responder, mas é força confessar as apprehensões que temos de que em tudo isto se ficará muito á quem do que a natureza dos factos, a tranquillidade publica, os fóros da justiça, e até os brios da nação, reclamavam tanto.

Se por um lado consideramos as difficuldades que se devem encontrar na investigação dos verdadeiros e principaes culpados, que só

devem punir-se, porque não é politico nem justo que se processem as trez ou quatro mil pessoas que foram atacar a mina, se consideramos os obstaculos com que é força deparar na descoberta dos inspiradores do povo, sobre quem directamente pesa a culpa de o ter arrastado ao crime; por outro lado ninguém des-conhece que não podendo ser outras as provas da accusação senão por testemunhas, nem podendo deixar de ser os réos julgados por um jury, a protecção aos criminosos, o favor na prova, no veredictum, e por tanto a quebra da justiça são de alta verosimilhança.

Testemunhas e jurados hão de ser os visinhos, e por ventura os amigos ou os cúmplices dos réos. E se não deslenbrarmos que as pessoas mais abastadas (se é verdade o que se diz) a quem nunca faltam patronos, são os verdadeiros cabeças de motim, não podem deixar de ser bem fundadas as suspeitas da impunidade dos delictos que se perpetraram.

Quanto ás autoridades que por seu desmaço e mesmo máos prepositos, (que em algumas os cremos nós) deram causa aos crimes que lamentamos, ha muito ali que vêr, porque muitas ponderações occorrem, e muitas illações se depreendem, que desabonam a nos-a administração, provando que as imunidades da vida e da propriedade individual, não recebem a protecção que os governos são obrigados a dar-lhes.

Quando subitamente apparecem acontecimentos tão desastrosos, ou por sua traça recente, ou porque foi quasi impossível devar-se a trama occulta que os precedera, a auctoridade administrativa não pôde ser acionada de imprevidente. Porém quando se urdem os planos, e voz em grita se apregoa a façanhacom a anticipação de muitos mezes, a administração tem a responsabilidade inteira de todos os malefícios que não preveniu, porque nunca lhepodem faltar os meios de conseguil-o.

Pois não é baixamente frivola a desculpa que se commette á deslealdade ou ineptidão dos administradores do concelho e dos regedores?

Na gerencia das cousas publicas é desconhecida a defeza que se baseia no pessimismo dos funcionarios que se consentem.

Um dos pontos capitales da boa administração de um paiz é a escolha dos bons empregados.

A vida politica dos povos, permanente, e de todos os dias, é com elles que se passa directamente.

A fazenda, a segurança individual, a liberdade, e a vida, têm ou devem ter n'elles escudo de fina prova. Se assim não for vereis logo succeder á ordem o caos, e a anarchia.

dadas as familias soccorridas. Na Sociedade de São-Francisco-Xavier, estas ultimas reuniões tomam um perfeito caracter de recreio (1). Mas voltamos á administração da Obra. Muitas conferencias reunidas em uma mesma cidade são dirigidas por um conselho particular. A reunião de muitos conselhos particulares, ou a administração das conferencias de São-Vicente-de-Paula da cidade e do campo em um mesmo arredondamento, forma um conselho central. Citaremos, por exemplo, uma circumspecção, que se compõe de la Moselle e do Luxembourg: «Comprende trez conselhos particulares, os de Metz, de Luxembourg, de Sarreguemines. Tracta-se de estabelecer um outro em Thionville. As conferencias ali são em numero de quarenta e oito (2).»

Vê-se que a Sociedade cura muito pouco de se conter nos limites d'um paiz; que une na mesma circumscripção uma parte da França, e uma parte da Prussia. Poderão dizer-nos que a caridade não tem fronteiras. Também o jesuitismo as não tem.

Emfim, a Obra inteira de todos os paizes, isto é, da França, da Allemanha, da Belgica, da Dinamarca, da Escocia, da Irlanda, dos Estados da Igreja, dos Estados-Sardos, de reino Lombardo-Veneziano, de Parma, de Modena, grão-ducado da Toscana, dos Paizes-Baixos, da Suissa, da Hespanha, da Algeria, do Cabo-da-Boa-Esperança, da ilha Mauricia, da Reunião, do Canadá, dos Estados-Unidos da America, Martinica, Gaudeloupe (eu faço esta enumeração sómente para que possá julgar-se da ubiquida-

(1) Na diocese de Périgueux tem-se até chegado a fundar assembleas, onde os membros da Sociedade se reúnem e jogam o bilhar. (V. «Boletim da Sociedade de São-Vicente-de-Paula» no 137. Maio de 1860.)

(2) Boletim da Sociedade, n.º 135. Março de 1860.

Pois um magistrado a quem o governo entrega a protecção dos povos, e a quem para isso outorga quasi o exclusivo poder de escolher os seus subordinados, fazendo-o responsavel pela confiança que n'elles põem, terá a demencia de apontar para os cadaveres, e para as cinzas que restam do incendio do Braçal, e dizer ao governo com o semblante erguido, não me cabe responsabilidade alguma por estas desgraças, e por estes crimes, e só a têm os administradores e regedores que eram de minha confiança plena, mas que me atraçaram, mas que foram os primeiros cúmplices do crime?

Pois que inqualificavel negligencia foi essa de ignorar as qualidades e a confiança que lhe podiam merecer esses funcionarios?

Quando pouca gente ignorava n'este districto que administradores, regedores, e cabos de policia dos concelhos visinhos ao Braçal, ou toleravam ou concitavam os povos contra os donos d'aquella mina, só o primeiro magistrado do districto ignorava tudo, e fiava d'elles com innocencia angelica a propriedade e a vida dos donos do Braçal?

Aspiram a purificar-se com a postuma reforma de administradores e regedores?

E o sangue das victimas, e os fogos do incendio não podiam ter-se evitado se essas reformas fossem feitas opportunamente?

A responsabilidade é gravissima, e o remorso deve ser muito pungente para quem pôde, e não quiz prevenir a tempo tantas desgraças.

Chamamos a attenção do sr. governador civil do districto de Vizeu sobre a seguinte correspondencia, que recebemos de Oliveira de Frades. Realmente todas as informações que temos d'aquella localidade são conformes em criminalizar o sr. administrador do concelho, attribuindo-lhe grande culpa n'essa propaganda selvagem contra as minas do Braçal.

E' preciso que isto se esclare, e se conheça quem são os verdadeiros culpados, e se ha alguém que, depois de incitar e desvaivar a rasão do povo rude e ignorante, anda agora a querer declinar essa terrivel responsabilidade com serviços hypocritas, illudindo e comprometendo os seus superiores.

Mais d'espaco trataremos d'este assumpto.

Oliveira de Frades em

23 d'agosto de 1862

Muito mal ha de soar lá por fóra o estado deste concelho na actual conjunctura anti-mineira.

Uma força de sessenta e tantos homens do regimento 14 vinda para aqui a marchas forçadas

de da Sociedade); a Obra inteira, dizemos, é dirigida por um conselho geral, que tem a sua sede em Paris.

Não nomearei aqui pessoa alguma, porque não quero personalisar. Critica-se a Obra na sua assembleia; e levar-se-ia muito a mal que alguém visse em tudo isto um ataque pessoal ás suas opiniões. Eu pergunto a mim mesmo se uma sociedade tão importante, que dispõe de quatro ou cinco milhões por anno, pôde existir no seio da sociedade franceza e europeia. Surprehende-me a analogia, que existe em ter a obra de São-Vicente-de-Paula e a congregação de 1820 e a Liga; examine-se os principios, que a dirigem, são os que dirigiam as associações, de que acabo de fallar, e em presença desta similhança, exclamo: Sim, o jesuitismo está ali! embora a exclamação houvesse de ferir as convicções de muitas pessoas, que não sabem em que vasto systema estão conglobados.

Responder-nos-ão: Mas nós não somos mais que uma pobre associação de caridade. — De caridade, sim, no sentido de que a caridade bem ordenada começa por si mesma. — «Em todas as epochas do anno, em todas as horas do dia, nós devemos applicar nos ao nosso augmento espiritual; não pertencemos á Sociedade de São-Vicente-de-Paula se não para isso (3). . . . Nós somos os nossos primeiros pobres, e é a nós mesmos que devemos a primeira esmola da nossa caridade (4).» Sois, portanto, antes de tudo, uma associação religiosa. Não sómente os membros das confrarias se reúnem para receber os sacramentos, o que é um dos fins da Obra, mas o que realmente tem em vista é a pro-

(3) «Boletim da Sociedade», n.º 134. Fevereiro de 1860.

(4) Pag. 34, «ibidem».

simas, o administrador do concelho de Vouzella a acompanhá-la, depois o mesmo administrador a ir collocar-se com auctade desta força n'uma freguezia do norte do concelho, em quanto o administrador d'aqui ia com outra auctade para outra freguezia do sul. . . Pois tudo isto, etc. é uma ridicula impotura, uma patocoadura do sr. Feijão, administrador do concelho d'Oliveira de Frades.

Tinha elle animado quanto podia a mi disposição anti-mineira; mas a final mudou mais ou menos de systema, e com isso começou a passar por traidor e comprado.

Eil-o então cheio de medo a ver terriveis antasmas até ao ponto de se lhe antolhar este concelho invadido pelos de Midões, como elle mesmo communicou ao governo civil do districto, d'onde consequentemente foram expedidas as mais energicas ordens.

Ora ali está explicada a vinda da tal força militar e do administrador visinho! Realmente por aqui não ha nem houve nunca symptoms serios de tumultos; ha apenas uma raiva mansa do povo contra as minas, como ha nos visinhos concelhos de S. Pedro do Sul e Vouzella: tudo o mais que correr é illusão estúpida de medo, ou então impostura deste senhor.

Será mais digno de riso, ou de lastima?

Aquella antiga correspondencia d'aqui, publicada nessa folha e transcripta no *Viriato*, respondeu primeiramente, defendendo-o no mesmo *Viriato* um tal S., e nós só nos rimos de tanta mentira e sandice, e do mal feito ou mal satisfeito da encomenda.

Veio depois o proprio administrador, desencapotado e cavalleiro, com ar de querer cavalgar-nos (e era bem feito a quem lhe tem soffrido tantas albardas), e nós tivemos dó de tanta miseria, e nojo de tanto cynismo.

Podiamos patentear que o documento, com que elle pretendeu abonar o seu desinteresse, prova pelo contrario que elle fez subir quasi ao dobro a gratificação com que se contentaram os seus antecessores; e tambem podiamos ajuntar outro documento—que a respectiva décima que elle allegava se cifrou muitos annos em um negregado dois tostões, em que elle mesmo se collectou, até que o delegado do thesouro lhe deu na batuta.

Podiamos alem d'isso oppôr aos seus apontamentos de de-int-er-esse, e alardo de deferencia para com o seu chefe os nossos apontamentos particulares, que resam de muita traficancia no recrutamento, informações escandalosamente falsas, etc. Mas emfim tivemos dó. Agora encheu-se finalmente esta medida.

Tudo isto é calumnia, senhor administrador: não é assim? Chame-nos aos tribunacs que é o verdadeiro.

paganda catholica. Podiamos citar aqui muitos manebos, que deram a sua demissão, porque se lhes recommendava que exigissem, antes de tudo, das familias soccorridas, uma inteira pratica da religião catholica. de mais, isto não é cousa nova. Na epocha da Fronde, os missionarios de M. Vicente, como então chamavam a São-Vicente-de-Paula, exigiam dos que queriam ter parte nas distribuições de sopa, um credo e um ave. A medida era especialmente dirigida contra os protestantes. Este odio dos protestantes tem subsistido entre os membros da Sociedade. A cada momento se falla nos *Boletins* de protestantes, que offerecem dinheiro para conseguirem a conversão ao lutheranismo, de protestantes, que ministram habitações com o fim de conduzirem á fé em Calvino. Não é isso o que faz a sociedade de São-Vicente-de-Paula para converter ao catholicismo? E que concluir, se não que estes dous fanaticismos, especulando com a miseria, são igualmente condemnaveis?

E' mister dizel-o, semelhantes manejos são attentados contra a liberdade, contra o suffragio universal. Para nos convencermos disso, basta estudar a parte, que tomam na vida de seus pobres, os membros da Sociedade, e o cuidado, com que, por meio de diferentes obras, se tem provido a todas as necessidades da classe mais pobre e mais numerosa. Alem das innumeraveis obras destinadas a prover ás necessidades materiaes, ha a *Sociedade de São Francisco Régis*, destinada a fazer legitimar e consagrar pela igreja as uniões illicitas; ha a obra do *Advogado das familias*, destinada a fornecer ás familias soccorridas os meios de intentar as acções indispensaveis do bom andamento de seus negocios, a obra *das tutellas, dos abrigues*, etc., etc.

(Continúa).

FOLHETIM

OS JESUITAS EM 1861

Communidades religiosas
Associações clericas

por CARLOS HABENECK.

(Continuação do n.º 121)

Ha ao lado da Sociedade de São-Vicente-de-Paula muitas outras sociedades, taes como a da *Propagação da fé*, para resgate das creanças chinezas, a qual tambem depende de Roma; a Sociedade de São-Francisco-Xavier, que é uma Sociedade de soccorros mutuos. Não fallarei d'ellas, e sómente me occuparei da obra, como dizem estes senhores; examinarei depois algumas das sociedades, que são accessorios e complementos d'ella.

Eis aqui em poucas palavras a organização administrativa da obra. Em cada parochia organisa-se uma conferencia composta, em geral, de vinte membros activos; ha em seguida os membros honorarios, depois os simples confrades: estes ultimos tomam sómente os bilhetes da loteria annual ou dão algum dinheiro. Os membros honorarios pagam regularmente suas fintas voluntarias; emfim, os membros activos são encarregados de visitar as familias, e de cuidar da sua instrução religiosa. A conferencia reúne-se uma vez por semana, ao domingo depois dos officios, no presbyterio ou na sacristia, sem prejuizo d'outras reuniões, chamadas *Obras das Santas Familias*, onde se ministra a educação religiosa, para receber a qual são convi-

O segundo artigo do *Siecle Industriel*, sobre a exposição portugueza em Londres, é o seguinte; segundo a versão do *Journal du Commerce*, da capital:

«A exposição feita por Portugal é extremamente rica em productos agricolas. Aquelle paiz comprehendeu que a França lhe ia fazer concorrência, com os seus vinhos, embora sejam d'um gosto muito distincto e muito differente; e por isso, quiz apresentar á vista de todos os visitantes, particularmente aos de Inglaterra, a infinita variedade e a excellencia dos seus productos especiaes e estimados.

Portugal recebe, com justa razão, que os seus vinhos cheguem a ceder o mercado inglez aos vinhos de França, cuja qualidade é cada vez mais apreciada neste lado do estreito. Não tem até agora estudado a questão da analogia, como fizeram os nossos vinicultores borgonhezes, e de Bordéas, por consequencia não sabe trabalhar e preparar os seus productos, apropriando-os ao gosto apurado dos consumidores modernos, alivios do colorido carregado, das partes vinosas e colorantes que se contem nas partes liquidas; em uma palavra, não sabe tornar os finos, delicados e deliciosos por meio do trabalho de apuramento e de transfiguração, que ao mesmo tempo o alivia do que elle tem de accentuado, segundo a localidade, de espessura, e pôde dizer-se de generoso nas constituições intimas d'aquelle precioso liquido.

O azeite em Portugal é de uma finura real, tem como o azeite de Italia um gosto puro e agradável ao paladar; mas que perde inteiramente nos terrenos meridionaes do reino. Nas provincias de Hespanha, que tocam os Pyreneos, em toda a região meridional da França que comporta a cultura da oliveira, nos pontos septentrionaes da Italia, o gosto do fructo quasi que limita o consumo do azeite ás immedições dos campos de produção. Mas todos os cultivadores intelligentes dispõem as suas colheitas de maneira, que não tenham a oliveira senão nas vertentes mais expostas ao sol, e plantada em pomares, por este meio, a falta que se chama gosto do fructo, fica attenuada a ponto de desaparecer.

Os cereaes de Portugal estão representados em larga escala, e são todos de excellente qualidade. Vendo-se a riqueza e a bundancia da exposição de terceira classe, comprehende-se a razão porque a Inglaterra aproveitou com promptidão a oportunidade que os acontecimentos politicos lhe offereciam para proteger Portugal; quiz explorar o por meio dos seus capitães, e assim obter barato, os productos procurados para consumo das classes ricas da Grã-Bretanha. Os outros productos do solo, legumes, fructas, batata, uva, algodão, ruiva (matéria de tinturaria), tudo tem excitado a admiração dos homens estudiosos, que gostam de comparar os productos dos diversos paizes do globo, por familias e por individuos.

Os creadores de gado tem-se occupado seriamente, ha alguns annos, do melhoramento das raças ovinas. As lãs expostas são uma prova do que dizemos. As lãs brancas do sr. Lima, particularmente, são de um comprimento e de uma finura que se nota, por pouco conhecimento que haja d'aquelle rama.

Os tecidos de lã pura e mixta, os pannos e estofos da exposição de Portugal aproximam-se ás nossas boas exposições dos productos das fabricas do meio dia, Bedarrioux, Lodeve, Mazamet, e das manufacturas de Roubaix e Turcoin. Em nenhum outro paiz ha fabricas de pannos superiores ás de Sedan, Elbenf, e Louviers. Mas, ainda que alguns grans inferiores, aquellas qualidades são dignas de attenção e merecem todas ser animadas pela imprensa.

Não ha industria que exija mais profundo conhecimento da materia, do que a dos tecidos de seda, e no entanto todos os paizes que figuram na exposição, estão all representados por meio de productos dignos de se mencionarem. Portugal não está atrazado ás potencias secundarias nas suas fabricas de seda; as sedas para fiar e para cozer, que se obtêm em Portugal por um preço extremamente reduzido, são brilhantes e solidas como as melhores das fabricas de S. Estevão, de Avinhão e de Nîmes. Quanto aos excellentes estofos de luxo, pondo da parte toda a sciencia de gosto e da moda, que ainda não chegou ao seu estado de perfeição, pôde dizer-se que esses artigos deixam pouco a desejar, e que as côres são finas e brilhantes como se os mostradores de Portugal sahissesem, não de Leão, o inimizavel, mas de Tours e de Nîmes.

Os chailes de Lisboa e de Bilbao não merecem, na nossa opinião, os elogios que a imprensa lhes tem dirigido. Depois dos artigos de seda de phantesia, é nos chailes que o gosto do fabricante se pode exercer em mais larga escala. Nos desenhos, côres e disposições, tem o artista todos os elementos para erar coiza originaes e agradaveis á vista. Os chailes expostos por Portugal deixam a desejar, a todos estes respeitoes. São além d'isso raros, e isto prova que a industria não está ainda muito adelantada, e que a importação franceza e ingleza domina ainda os esforços locais.

Não vimos muitos velludos; mas as poucas amostras expostas pelo sr. Silva Pereira de Vasconcellos, de Braga, são d'uma flexibilidade e de um macio encorpado, que nada deixam a desejar, e que se podem louvar sem reserva.

Algunas rendas de um feição elegante, bem acabadas, e de uma notavel qualidade de finura, muito amplas, e muito flexiveis, são tambem expostas por duas ou tres casas. Alguns pedaços de bordadura de ouro e de seda, mostram a influen-

cia, que exerce nesta industria o ornamento de igreja, geralmente rico entre o alto clero em Portugal. Ha trabalhos difficultosos e de paciencia. A bordadura do sr. Amaral representando o monumento de D. José I, é uma peça unica de desenho e de muita execução e paciencia. A do sr. Teixeira de Carvalho, representa um castello.

Os couros curtidos de Portugal já têm adquirido uma reputação de bondade e de solidez merecida; se os industriaes, que exercem esta profissão, continuarem a progredir da maneira porque o têm feito desde 1851, e principalmente desde 1855, Portugal ficará decididamente á frente de uma industria, na qual todos os outros povos da Europa occidental não prover-se dos seus productos de escolha, isto é, de uma materia prima indispensavel sempre e muito facilmente exausta. — Os antigos laços de familia que existem entre a raça portugueza e os habitantes das provincias argentinas e de todo o Brazil, permitem que Portugal se forneça na grande origem da produção, e em melhores condições do que nós. Além d'isso, este paiz está mais proximo da America. Todas estas circunstancias influem para fixar os preços commerciaes e enriquecer o paiz.

Dissemos de passagem, no nosso precedente artigo, que a chapellaria portugueza nada tinha a invejar aos nossos melhores fabricantes. Os artigos de consumo local e de exportação, tudo está estabelecido solido e excellentemente. Observamos tambem uma exposição de bonets. — Mas a este respeito nada temos que dizer.

O calçado, as luvas, uma remessa da colonia portugueza de Guiné, o fato, as capas de seda com rendas feitas com a flagem do alôes de de Guiné, tanto o que foi exposto pelo sr. Curry da Camara Cabral, como pelo sr. Dabney, são notaveis a todos os respeitoes, e dignos de serem muito animados.

O papel exposto por Portugal figura com honra na secção d'aquelle paiz. Não fallamos dos quadros calligraphos — estão na infancia industrial, que se não permite a uma nação adelantada. Mas a sua typographia é bella e regular. Em todos os paizes, basta ser impressor para se achar necessariamente á frente do progresso. A impressão de todos os paizes expositores merece em geral grandes elogios. O papel que a viscondessa de Villa-Nova da Rainha mandou para Londres, é tão fino, forte e consistente como solido. E' uma bella exposição, e Portugal deve honrar-se de possuir aquella fabrica.

Uma exposição não menos notavel, n'outro genero bem entendido, é a das armas em Portugal, apresentada pelo sr. Cactano, de Lisboa. Deve-se hir ver aquelle trabalho para se conhecer a verdade, de que na industria existem certos ramos em que Portugal já não tem que nos pedir licções.

A faiança, o barro cozido, e a ceramica inferior estão bem representados por meio de excellentes amostras. Concluiremos este artigo apontando os tubos de drenagem expostos pelo sr. Braamcamp; isto prova que a industria adoptou este grande progresso.»

(COMMUNICADO.)

Não imaginavamos ver tão depressa desviada do seu verdadeiro caminho a polemica, que travámos com o sr. F. Flórido sobre a directriz da estrada de Aveiro á Figueira.

Cada um de nós podia estar possuido das suas ideias, embora oppostas; tractar de as defender e sustentar conforme podesse; e demonstrar a justiça que lhe assistia, sem jámais deixar de ser cortez e delicado para com o seu adversario. É assim que se obra entre cavalheiros; e é isto o que o publico tinha direito a esperar, e mesmo exigir de nós.

Mas converter a imprensa periodica em praça publica, esquecer as regras mais triviaes da civilidade, abandonar a linguagem decente e comedida, substituir a razão pelo insulto, a verdade pela calunnia, e o raciocinio, ridiculo pelo é o que não podiamos esperar, e o que profundamente lamentamos ter-se feito.

Nós porem só sabemos argumentar com seriedade e decencia, especialmente sobre questões desta ordem, e consequentemente cessou da nossa parte a discussão com tal adversario desde o momento em que, á placidez, com que impugnamos os mais inadmissiveis absurdos, e ao commedimento, com que notámos os mais palpaveis erros, o sr. Flórido só respondeu com insultos e grosserias improprias da materia, do logar, e de pessoas que presem a sua reputação.

A causa que advogamos está ganha: a maneira porque ella é impugnada, e a qualidade do impugnador são o seu melhor argumento!

Não se julgue porem, que desamparamos o campo, ou damos por terminada a questão. Appareça quem a queira discutir, como ella o pôde e deve ser: appareça um adversario com educação e dignidade; apresente-se um contendedor, que nos não envergonhe, e encontrar-nos-ha sempre prompto a pugnar pelos interesses da nossa terra. Mas questionar com quem só sabe insultar, discutir com quem só sabe mentir, seria uma baixeza, a que jámais desceremos.

Que importa, disse o sr. Flórido, que de Cantanhede á Mealhada sejam apenas 5 kilometros; e afirmar, que a estrada pela *beira-mar* segue sempre por terreno *solido* (!), e tem o material sufficiente para o seu leito? . . . O homem, que ousou inverter uma scena presenciada por cinco ou seis pessoas, e teve a *coragem* d'affirmar o contrario do que todas ellas atestam, está habilitado a tudo dizer, tudo afirmar e jurar mesmo, sem que nós caregamos de o desmentir, para que ninguém lhe dê credito.

A esse homem, só quizeramos corresponder á sua provocação, convertendo em questão puramente pessoal, como elle fez, a interessante e importantissima questão, que agitavamos sobre a directriz da estrada de Aveiro á Figueira, poderíamos nós mui facilmente fazer arrender do modo inconveniente e grosseiro, com que veiu aggreir-nos, quando com a maior moderação e prudencia tinhamos impugnado as suas disparatadas e insustentaveis ideias. Fazel-o, porem, seria descer da nossa dignidade: e se lhe damos ainda a demasiada consideração de o amarrar ao pelotrinho da opinião publica, para o deixar *convicto de caluniador*, é porque a calunnia, com que deprime o nosso caracter, e ataca a coherencia das nossas ideias, é de tal sorte infame e arrojadada, que o nosso amor proprio não consente deixal-a impune!

O sr. Flórido tinha invocado a favor das suas ideias o testemunho d'alguns meus patricios. Emprazamol-o para que os citasse. Ali vae transcripto o trecho do *Campeão*, onde s. s.ª nos responde, que nós fomos um delles.

Se nos quizessemos servir da linguagem predilecta do sr. Flórido, diriamos — que s. s.ª mente! . . . mas não somos dos que optam por esse modo d'argumentar. A nossa unica resposta a uma falsidade tão revoltante está nas quatro cartas, que publicamos dos cavalheiros presentes na occasião, a que o sr. Flórido se refere. Confronte o publico o que o sr. Flórido diz com o que affirmam todos aquelles cavalheiros, e avalie do caracter do individuo, que tão despejadamente falta á verdade!!

Eis o trecho do *Campeão* de 16 do corrente, a que nos referimos:

«Quer s. s.ª saber a quem ouvimos dizer, que o petitorio da camara de Vagos (a estrada de Aveiro á Figueira passando por Vagos e Cantanhede) era absurdo, e que não tinha explicação possível? Foi o mesmo sr. Pessoa Antonio, que por estas ou outras palavras significou a mesma ideia!»

Quando vimos assim invertida a verdade, tractamos de nos dirigir a todos os cavalheiros, que tinham presenciado a questão, que tivemos com o sr. Flórido sobre este assumpto. Dirigimos a cada um delles a carta abaixo publicada, e tivemos em resposta as que tambem publicamos. Falta resposta, que ainda não recebemos do sr. Bento de Mello. Ali ficam sem commentarios!!

Cantanhede 26 d'agosto.

Antonio Pessoa A. da Fonseca.

Querido doutor.

Careço, para desaffrontar a minha dignidade offendida, recorrer ao testemunho de v. s.ª sobre a scena passada em minha casa, quando pelo Francisco Flórido nos foi dada a noticia da estrada, que se projecta de Aveiro á Figueira, pretendendo elle combater o traçado indicado pela camara de Vagos, que tem por pontos forçados Vagos e Cantanhede, e apresentando a directriz por Mira, Tocha etc. como preferivel e mais conveniente.

Espero da lealdade e cavalheirismo do meu amigo me declare aqui mesmo mui terminante e explicitamente:

1.º — Qual dos dois traçados defendi e sustentei eu?

2.º — Se, alem do Flórido, algem mais combaten o traçado indicado pela camara de Vagos, ou defendeu o outro por elle apresentado?

Peço brevidade na resposta; e previno o de que farei o uso, que me convier da sua declaração.

De v. s.ª am.º obrig.º

Illm.º sr. dr. Alexandre Maria de Sousa Cortezão.

S. C. 20 d'agosto de 1862.

Antonio Pessoa A. da Fonseca.

(Segue-se o reconhecimento do tabellião.)

Meu amigo.

Recordo-me perfeitamente d'uma questão, que em um dos dias de julho ultimo teve logar em sua casa, e em que o sr. Flórido, noticiou a estrada projectada de Aveiro á Figueira. Devo por isso declarar a v. s.ª em resposta á sua attentissima carta retrò, que por essa occasião, aquelle cavalheiro, e mais ninguém, impugnou a directriz da mesma estrada, passando por esta villa, e sustentou, que devia seguir Mira e Tocha — e pelo contrario v. s.ª sustentou e defendeu a directriz, tendo como ponto forçado esta mesma villa.

De v. s.ª

Affect.º am.º e cr.º obrig.º

S. C. Cantanhede — agosto — 20 de 1862.

Alexandre Maria de Sousa Cortezão.

(Segue o reconhecimento do tabellião.)

Identica, *mutatis mutandis*, para o sr. Eloy da Silveira.

Cuja resposta é a seguinte:

Illm.º amigo.

Estou bem sciente d'uma questão que teve logar em sua casa n'um dos dias de julho ultimo, em que Francisco Flórido disse que tinha baixado uma portaria, ou ordem, para o estudo da directriz da estrada de Aveiro á Figueira, cuja estrada devia tocar em Cantanhede, dizendo nesta mesma occasião o sr. Flórido que era inconvenientissima a directriz por Cantanhede, e que devia seguir por Mira e Tocha, a cuja opinião, do sr. Flórido, v. s.ª se oppoz, mostrando a inconveni-

encia daquella estrada por Mira e Tocha; e sustentou que devia seguir por esta villa.

Sou de v. s.ª

Amigo muito venerador e obr.º

S. C. em 21 de agosto de 1862.

Eloy da Silveira.

(Segue o reconhecimento do tabellião.)

Identica, *mutatis mutandis*, para o sr. José Ferreira de Sampaio.

Cuja resposta é a seguinte:

Amigo Antonio.

Recordo-me perfeitamente da scena, a que alludes na tua carta retrò; e por isso não tenho duvida em satisfazer o que me pedes, declarando, — que nessa occasião o Flórido, e ninguém mais combateu a directriz da estrada de Aveiro á Figueira, passando por Cantanhede, e só elle sustentou que devia de seguir por Mira, Tocha etc. — tu muito ao contrario defendeste a directriz, que tem por ponto forçado esta villa, e combates-te a outra por elle indicada.

Sou teu primo e am.º

Agosto 21 de 1862.

José Ferreira Sampaio.

(Segue o reconhecimento do tabellião.)

Identica, *mutatis mutandis*, para o sr. Joaquim da Silveira Magalhães.

Cuja resposta é seguinte:

Illm.º amigo

Em resposta á carta de v. s.ª de 20 do corrente tenho a dizer-lhe, que achando-me presente á questão, a que nella se refere, pelo Flórido unicamente foi combatida a directriz da estrada de Aveiro á Figueira passando por Vagos e Cantanhede, e apresentada, e defendida a directriz por Mira e Tocha etc. etc. — V. s.ª ao contrario, como todos os mais individuos presentes, sustentaram aquella directriz, rebatendo ao mesmo tempo a que o Flórido inculcava.

De v. s.ª

Am.º att.º venr.º e criado

Joaquim da Silveira Magalhães.

(Segue-se o reconhecimento do tabellião.)

EXTERIOR

Dos jornaes do correio de hontem extrahimos o seguinte:

Telegrammas.

Varsovia 22.—Foi sancionada pelo grande Constantino a sentença de Javaszin-ki e se executará hoje ás 9 horas na cidadella.

Belgrado 22.—Diz-se que Garaidenin, ministro dos negocios estrangeiros, pedira a sua demissão, que até esta data não lhe fora concedida.

Rogusa (sem data).—Ahmed-pachá occupou com 6000 homens os desfiladeiros do Douga. A princeza Darink, viuva do principe Daublo, pronunciou-se pelo partido da paz. Meiko protestou em nome do exercito montenegrino. Reina em Cattigna uma violenta agitação.

Marsella 22.—Segundo cartas de Roma de 19, a conferencia do general Montebello e Lavalette no vaticano para concertar nos meios da defeza, foi larga, o que deu logar a varios commentarios.

Roma está tranquilla.

Sen embargo foram assassinados uns sacerdotes italianos chamados Boni e Benetti. A policia busca os agentes de uma sociedade, vindos, segndo dizem, da Toscana.

Londres 22.—O «Daily News» diz que nada prova que Garibaldi intente atacar com mão armada a guarnição franceza de Roma.

Que é demasiado soldado para saber respeitar os seus antigos companheiros de armas.

Paris 22.—O embarque de tropas para o Mexico acabou hoje em Cherburh. De Toulon partiram em 30. Na conferencia de 13, em Constantinopla, se decidiu que a fortaleza de Belgrado e de todas as cidadellas do Danudio permanecam guarnecidas pelas tropas turcas.

Crê-se que em duas ou tres conferencias se conseguirá um convenio definitivo entre a Porta e o governo servico.

Turin 23.—A «Gazeta official» diz que Garibaldi se apoderou das casas publicas, e que ha imposto contribuições, e levantado barricadas. Palermo e Messina continuam tranquilas.

E' falso que os prefeitos Calumano e Co-senzaliagai hajam pedido as suas demissões, e que existam columnas de garibaldinos na Calabria.

O «Diritto» publica uma proclamação de Garibaldi excitando os povos á rebellião. Diz-se que o general Klapa escrevera a Garibaldi o seguinte:

«Vossa voz poderia haver encontrado ecco se os voluntarios marchassem unidos com as tropas reaes. O exemplo dos servios e dos montenegrinos nos diz que é necessario aguardar um momento propicio.»

Paris 24.—O Embaixador da Hespanha o sr. Concha tem recebido a visita do corpo diplomatico acreditado em Paris.

Turin, 23. — La Marmora tomou medidas energicas.

Escrevem de Messina, dizendo que Garibaldi está em Catania, onde, parece, quer estabelecer um governo. As tropas concentram-se perto de Catania.

Affirma-se que as forças de Cialdini serão 60 batalhões de infantaria, 11 baterias de artilleria e 7 regimentos de cavallaria. Em breve estará em Sicilia.

Paris, 23. — Um despacho d'Athenas de 14 annuncia que o ministerio se acha em plena crise.

Chegou esta manhã o official encarregado de apresentar ao imperador o tractado concluido entre o almirante Bonmart, e os ministros Annmittas.

Londres, 23. — Nova York, 13. — Nada de novo na posição de Mac-Clellan. Os confederados não pensam em atacar, e concentram as suas forças na margem meridional do rio Juma. Aparentar-se da Independencia, no Missouri, d'onde lhe vem grandes provisões.

O general federal Williams foi morto. O general Brakerge tomou posição no rio Colleti, a 10 milhas de Baton-Rouge. Os mesmos periodicos attribuem tambem ao seu partido a victoria de Tarewail, junto a Cumberland-Cajo, em que os federaes tiveram grandes perdas. Em Nova Orleans, o general federal Phelps pediu a sua demissão, porque Butler se negou a armar os negros.

Paris, 25. — O «Monitor» de hoje diz: «Os periodicos teem perguntado qual será a attitudé da França ante a agitação que reina na Italia. A duvida é impossivel. Em presença das ameaças insolentes e ante as possíveis consequências de uma insurreição democratica, é dever do governo e sua honra militar o obrigar, mais que nunca, a proteger o papa. O mundo deve saber que a França não abandonará nos perigos o que toma debaixo da sua protecção.

Turin, 24. — Ricotti occupou Cisciale, Melia e Suisterbiamio.

Não se confirma que Garibaldi haja estabelecido um governo provisório em Catania.

Turin, 23. — A «Gazeta official» publicou — 1.º um decreto real no qual se nomeia a Cialdini commissario extraordinario em Sicilia. — 2.º a declaração pelo ministerio dos negocios estrangeiros do bloqueio dos portos de Sicilia, no qual se observam os principios de direito marítimo estabelecidos no congresso de Paris. — 3.º um decreto em que se dissolve a associação emancipadora de Genova e suas filiaes.

As columnas de Ricotti e Melio estão reunidas em Mister Bianco.

Aircali está occupada.

Diz-se que em Catania Garibaldi se apoderou dos fundos publicos, e do telegrapho, e que ha imposto contribuição, e prohibido todas as communicações exteriores, levantando barricadas na cidade, porque os voluntarios estão mal armados, e a população é toda favoravel ao governo.

Caltanissetta e as mais localidades abandonadas por Garibaldi voltaram á ordem.

O «Diritto» publica uma proclamação de Garibaldi chamando os hungaros á insurreição.

A «Italia» a resposta de Klapka é assim:

Vossa voz isolada não pode ser ouvida, porque não é a voz da Italia, mas sim de um numero de homens que trabalha por destruir a sua gloria e por comprometter seu nome nos azares da guerra civil.

O exemplo dos Servios, dos Gregos e dos Montenegros nos diz que esperemos um momento mais propicio. Cessai de trabalhar em favor da Austria e da reacção europá intentando anticipar demasiado a emancipação da Italia. A Hungria tomará conselho com sua propria consciencia.

Paris, 24. — Um despacho de Turin annuncia que o rei Victor Manoel pensa tomar o mando do exercito do meio dia.

Sevilla, 26. — As 12 horas e um quarto da manhã de hoje falleceu o cardeal arcebispo desta diocese sr. D. Manoel Joaquim Taranco. Teve a morte de um justo. Hoje se exporá e amanhã deve ser o funeral.

Messina, 25. — A «Discusione» annuncia que Garibaldi abandonou Catania e que se embarcou em um navio inglez com alguns officiaes. Julga-se que desembarcou na Calabria.

Napoles, 25. — Affirma-se que Garibaldi desembarcará de noite em Melito, perto do Cabo de Spartivento na Calabria.

Garibaldi, segundo consta das ultimas noticias, está ainda em Piazza, e as tropas reaes, muito superiores em numero, estão meio dia de distancia dos voluntarios.

Não se conhece ainda a resposta dada por Garibaldi ás intimações, que lhe foram dirigidas pelo general Ricotti. O que parece certo é que o ex-ditador deu ordem aos seus voluntarios para que não se batam com as tropas.

Por outro lado affirma-se que o governo enviou ao general pessoas de consideração, especialmente encarregadas de uma missão conciliadora. Ainda se não sabe qual será o resultado d'esta missão.

(La Patrie.)

— Lê-se o seguinte n'uma correspondencia de Turin:

«Estão actualmente na Sicilia mais de 30:000 homens, animados do melhor espirito, e as populações recebem-nos com demonstrações mui sympathicas.

O general Ricotti combina as operações do exercito de modo que possa cercar os garibaldinos, e interceptar lhes as communicações com o mar, evitando assim que elles embarquem para o continente e recebam armas e munições de Malta.

No entanto, cumpre que ninguém se illuda. Garibaldi é homem do mar e soldado. Pode achar meio de passar para as Calabrias, e quando esteja no continente é muito mais difficil contê-lo, não obstante o general La Marina estar investido de plenos poderes em Napoles.

Garibaldi appella para a Calabria. No dia 3 do corrente dirigiu elle á sociedade emancipadora calabreza uma carta em que incita os habitantes do paiz para o auxiliarem na sua empre-

za. A fim de se evitar o desembarque dos garibaldinos, e para os obrigar a deporem as armas, adoptou-se o seguinte expediente:

Garibaldi está no centro da ilha, tendo ido de Caltanissetta para Castro-Giovanni, e d'este centro das suas operações pôde dirigir-se ou para Piazza ou para Nicosia.

Os seus voluntarios, em cujo numero ha todos os dias alteração por causa de deserção de uns e da chegada de outros, estão divididos em tres columnas, e para que podessem viver dividiram-n'as pelo paiz. Vinte batalhões andam em sua perseguição. Pretendem separar as columnas de voluntarios entre si, e intimal-as successivamente para que depouham as armas. D'este modo não se empenharão em luta alguma, e obstar-se-há á guerra civil. Se alguns insensatos, que não attendam á promessa de uma amnistia, quizerem ainda bater-se, então serão adotadas providencias rigorosas, porém só depois de serem empregados todos os meios de conciliação.

Não ha duvida que des, e plano se tirarão os resultados, desejados, porque os voluntarios são todos mancebos de 15 a 20 annos, pertencentes pela maior parte a familias de primeira ordem, e quando o calor os incommoda muito, ou se vejam provados de mntimentos, desejarão regressar aos seus lares. Acresce a circumstancia de que começam a haver doencas entre os garibaldinos, o que influirá tambem para que as propostas do governo não sejam absolutam-nte rejeitadas.

Taes propostas devem já ter sido apresentadas. No dia 15 do corrente um dos orgãos governamentais, a «Monarchia Nacional, dizia o seguinte:

«A solução da crise está proxima. A intimação aos voluntarios, para cedarem á auctoridade legitima, sob pena de serem dispersados pela força, está imminente se já não se effectua.»

No dia 17 a citada folha expressava-se nos termos seguintes:

«Confirmamos as noticias de homtem quanto á imminente solução da crise da Sicilia. Podemos annunciar que n'este momento supremo a opinião publica da ilha se manifesta favoravel ao principio da auctoridade e do respeito pelas leis.»

Poem, já o dissemos, Garibaldi é homem marítimo e soldado valente. No momento em que julgaram que elle está n'um ponto, pôde o ex-ditador ter desembarcado na Calabria, depois d'ali dar ponto dar ponto de reunião aos seus voluntarios.

Uma fragata, a «Aphio», chegou a Messina. Recaeiam grandes suspeitas nos movimentos d'aquelle navio.

Seja como for, é certo que nos aproximamos de algum acontecimento importante.

(La Patrie.)

Em seguida publicamos uma carta que se diz escripta por um velho official hungaro, com relação aos planos provaveis de Garibaldi.

A sua leitura parece-nos de bastante interesse.

Ella é:

«Levantar o povo da Sicilia, chamar a si todas as forças vivas do paiz, concentrar-se no meio da Italia, em Castro-Giovanni por exemplo, e fazer-se forte nesse ponto, eis o primeiro acto do drama.»

Depois atravessa Garibaldi o estreito, elle só naturalmente, visto que a passagem está vigiada: mas o homem disfarça-se, e busca o melhor modo de se transportar para a Calabria, onde o esperam. Das Calabrias, podeis já contar que se extende o movimento aos Abruzzos, e d'ahi até ás portas de Roma.

Por em quanto, as grandes cidades ficam talvez alheias ao movimento, e já com isso conta Garibaldi; que aliás poderia insurgir dez vezes a cidade de Palermo com um só gesto, mas não quer, porque lhe convem que o governo legal não cesse de existir.

Insurgido porém uma vez, desde o Etna até aos Abruzzos, este reino das duas Sicilias, com que o ex-ditador presenteou Victor Manoel, que ha de então fazer o governo de Turin?

Garibaldi tem a firme convicção de que o governo ha de então mudar de politica, de modo que, em vez de mandar perseguir os voluntarios, seja o proprio rei quem associe o exercito da Italia a este improvisado exercito; e d'ahi, correspondendo ao unanime voto nacional a insurreição de Roma, miraculosamente e sem grande esforço, virão a terra as muralhas da cidade eterna.

Acreditae que são estes os projectos de Garibaldi, e podeis já esperar que antes de muitos dias o vereis á frente de dois campos, um na Sicilia e outro na Calabria.

— Recebemos, diz a «Patrie», pelo correio de Havana, noticias do corpo expedicionario do Mexico. Ainda que chegaram directamente de Vera-Cruz por Saint Nazaire, julgamos que ellas contêm alguns pormenores importantes.

A troca de prisioneiros faz-se mui facilmente, e quasi sempre no termo de cada acção. O general Lorencez, depois do primeiro combate dos Cumbres, entregou generosamente todos os prisioneiros que havia feito, concedendo mesmo a cada um d'elles uma gratificação em dinheiro. O governo mexicano, que tinha em seu poder 25 soldados francezes feridos em Puebla, tambem os vae entregando á proporção que vão melhorando.

O general Lorencez tambem poz em liberdade sem condições muitos prisioneiros depois dos ultimos combates de Aculemgo e de Borre-

go; esta resolução era por outra parte tão util como generosa em razão da difficuldade de se sustentarem todos esses homens, e do pouco recio que inspira a parte que elles podem tomar nas operações militares.

O exercito mexicano não augmenta em effectivo, e é fóra de duvida que elle não poderá defender o caminho do Mexico, quando a chegada dos reforços nos permitta tomar a offensiva.

O serviço dos viveres continuava sendo feito pelos meios ordinarios de administração. No dia 2 de julho os armazens de Orizaba continham viveres para trinta dias, e já no dia 4 partia um novo comboio de Vera Cruz.

O mau estado das estradas é um grande obstaculo para o serviço dos comboios.

A criação do exercito do norte, collocado ás ordens de Comonfort, ficou de nenhum effecto. Tinha por fim defender contra uma aggressão a parte do litoral mais proxima de Tampico; porém apenas poderam reunir-se 5:000 homens, entrando n'este numero as guarnições destinadas a conterem certas cidades populosas e a parte do paiz que mais hostilisa o governo de Juarez.

O presidente não tem podido, sem embargo de todas as providencias de rigor que tem adoptado, levantar o imposto de 800:000 piastras, que devem pagar as pessoas mais abastadas, na razão de 100 piastras por cabeça.

Procedia-se ás eleições, tendo o cuidado de desviar os conservadores do escrutinio, o que dará ao governo uma assembléa sempre prompta a approvar os seus actos.

(La Patrie.)

O embaixador japonês foi recebido pelo imperador Alexandre em 11 de agosto. Eis-aqui o discurso pronunciado pelo primeiro embaixador ao entregar a carta de «taikoun» a sua magestade o imperador:

«Em conformidade da ordem de sua magestade o «taikoun» conseguimos ser honrados com uma audiencia de vossa magestade. Depois da conclusão do tratado tem-se cada vez mais desenvolvido as relações entre os dois imperios. O «taikoun» nos ordenou, em consequencia d'isto, que expressemos a cordel sinceridade dos seus affectos ao entregar esta carta a vossa magestade, reiteremos o cumprimento das obrigações contrahidas no tratado. Aproveitando a occasião fazemos votos pela prosperidade de vossa magestade imperial, e ventura do povo que governa.

Este discurso foi traduzido em hollandez pelo secretario da embaixada, e depois vertido para a lingua russa por um empregado do ministerio de negocios estrangeiros.

Depois o vice-chancellor do imperio, principe Gortschakoff; leu a seguinte resposta do imperador:

«É com verdadeiro prazer que recebo os representantes de sua magestade o «taikoun». As relações da Russia com o Japão foram sempre amigaveis. A visinhança dos dois imperios e os interesses geraes que d'ahi decorrem são o penhor da continuacão de nossas relações. Aprecio a amizade de que o «taikoun» me deu prova, enviando-me uma embaixada, e os sentimentos que sua magestade me manifesta, e de que sois interprete. Espero que a vossa residencia na capital vos convencerá das disposições sinceras da Russia para com o Japão.

(«Moniteur Universel.»)

NOTICIARIO

Festividade.—No domingo proximo pasado teve lugar no mosteiro de Jesus desta cidade a festa do Immaculado Coração de Maria, que não desmereceu da pompa e luzimento, com que costumam celebrar-se todas as que ali tem lugar em diversos dias do anno. Orou de manhã o sr. José Pinto Ferrão, e de tarde o sr. Carvalho e Goes.

Romaria.—Ante-hontem teve lugar na Gafanha a de Nossa Senhora de Nasareth, a 4 kilometros desta cidade. A tarde, a principio, convidava a ir até lá; e de feito concorreu bastante gente desta cidade e suas circumvisinhanças, indo uns a pé pela excellente estrada, que conduz áquella localidade, outros embarcados pela ria, e poucos a cavallo. Os rapazes e raparigas não se esqueceram de dançar a *cana-verde*, *ai Jesus*, e outras danças suas predilectas. Deram-se bastantes cambalhotas pela areia, que faziam lembrar e desejar as divertidas romarias, que em setembro costumam ter lugar nas costas da Torreira, S. Jacintho e Prado.

Para o fim da tarde começou de soprar um norte desabrido, que declarou guerra aos chapéus, e incommodou bastante os janotas, que regressavam apressados á cidade para assistir á ultima recita da companhia dramatica, que aqui tem estado.

A livre importação de cereaes — Lê-se no boletim commercial do «Ecco agricola» de França:

«O facto commercial mais interessante que temos a notar é a livre introdução de trigos e farinhas em Portugal até ao 1.º de abril de 1863,

Esta noticia, chegada a 18 á noite a Marselha, produziu bom effecto, determinando algumas compras de trigo para aquelle destino e dando alguma animação ao mercado, um pouco abatido ha dias pelas recentes e consideraveis chegadas de trigo.

E' provavel que os nossos portos de Oeste, e Nantes particularmente, se resintam um pouco deste medida, determinada unicamente em Portugal pela escassez da colheita deste anno.

As noticias de Hespanha estão tambem lon-

ge de annunciar abundancia n'uma grande parte das provincias d'aquelle paiz.

Que e ser noticiario! — (Do «Revolução de Setembro»): — Só quem descehece a vida do jornalismo diario é que podera deixar de calcular as tribulações atrozés, os desastros, os desapontamentos que soffre um misero chronista, que contrahe a obrigação de referir todos os dias aos leitores um certo numero de acontecimentos, ainda mesmo que elles não aconteçam, porque, para o assignato, pôde deixar de haver episodios curiosos, desgraças, atropellamentos, roubos, suicidios, incendios, assassinatos... mas o que elle não dispensa é que o chronista lh'os conte, aliás terá o misero d'abdicar a penna e de dizer eterno adeus ás sympathias publicas. O chronista deve ver tudo ouvir tudo, assistir a tudo, estar em toda a parte, ser immenso!

E não é só em Portugal que as cousas correm assim; é em França; é na Inglaterra; é em todos os paizes onde ha jornaes.

Em toda a parte os chronistas soffrem os mesmos martyrios; teem a mesma pequenez e a mesma omnipotencia para matarem um dia, por uma informação errada, um individuo que nunca lhes fez mal, e resuscitarem-no, desmentindo-se no dia seguinte, sob pena de, no caso de recusa, serem mortos — por uma estocada.

Ess, depois de tantos casos que attestam o que dizemos, ha alguém que o duvide, ponha os olhos no seguinte acontecimento.

No escriptorio do redactor principal de um dos mais acreditados periodicos de Londres entrou um sugeito moço e elegante.

— Senhor, disse elle ao jornalista; n'um dos seus ultimos numeros o seu periodico incorreu n'um grave erro.

— E' impossivel! exclamou o redactor; mas tenha a bondade de dizer-me do que se tracta.

— O senhor affirmou que M. de N. foi processado...

— E' exacto.

— Sentenciado...

— Tambem é certo.

— E enforcado!

— Effectivamente.

— Pois bem, senhor; o processado, o sentenciado, o enforcado... sou eu.

— E' impossivel!

— E todavia é certo. Espero, pois, que tenha a bondade de retificar a noticia.

— Retratar-me, eu? Nunca, senhor, nunca!

— Como? Recusa? Está louco?

— Não estou, mas não desminto o que escrevo.

— Então recorrerei aos tribunaes.

— Como quizer, mas não me retracto. A unica cousa que posso fazer, para o obzéquiar, é noticiar amanhã que tendo-se quebrado a corda, que lhe lançavam ao pescoço v. s.ª gosa hoje de completa saude; e mais nada, pois o meu periodico nunca mente!

Garibaldi. — Um official do exercito de Garibaldi, n'uma carta que publica um jornal estrangeiro, diz que, quando alguém falla de conciliação ao general, responde elle encolerizado:

— Quem tiver medo, retire-se!

Uma vez; pondo-se em duvida na presença d'elle o ardor e liberalismo dos romanos, interrompendo aquelle que fallava, exclamou:

— Eu conheço os romanos, e é quanto basta!

Quando se lhe falla n'um conflicto com as tropas francezas, diz que confia na sua boa estrellia, e acrescenta:

— Somos soldados da liberdade, não nos mettamos a diplomaticas, Sigamos o nosso caminho; uma cousa traz a outra.

Questão religiosa. — Agita-se actualmente no Hannover uma questão religiosa. Não se trata do poder temporal do papa, mas do poder espirital do rei de Hanover, que na qualidade de primeiro bispo do reino, quer impor um novo catechismo aos seus subditos e ovelhas. Habitado ao antigo catechismo racinista de 1790, o povo da capital entende que não deve ensinar aos seus filhos a existencia d'um diabo de carne e osso, o poder da magia, o merrimento dos jejuns e outras doutrinas da mesma natureza.

Os cidadãos das outras cidades pensam do mesmo modo; e uma petição coberta em poucos dias de mais de 8:000 assignaturas, foi dirigida ao rei para pedir que o novo catechismo não seja posto em vigor sem ser examinado por um synodo, como exige a constituição; senão que os peticionarios mudariam immediatamente de religião.

Custa a impedir que os racionalistas demolissem as casas dos suspeitos de ter grande parte na introdução do novo catechismo. Ainda lhe quebraram os vidros das janellas tendo elles de refugiar-se no palacio real, apesar da intervenção da força armada. O motim durou dois dias e duas noites, e a irritação não se acalmava.

O rei que accumula os poderes temporal e espirital, quererá que triumpho o bispo ou que o bispo ceda ao interesse do rei?

O que ha de mais certo é que o principal promotor do novo catechismo se viu obrigado a fugir de Hannover.

Cometa. — Do *Conimbricense*. Somos visitados por mais um cometa, que promette apresentar-se em poucos dias com toda a magnificencia do seu antecessor. Movendo-se segundo estimamos de NO. para o SE., vinol-o passar

de hontem para hoje entre duas estrellas da cauda do Dragão, percorrendo em tão breve tempo alguns graus, e aproximando-se muito de nós. Parece que terá a forma do que o anno passado contemplos, com um nucleo consideravelmente maior e mais espesso. A posição e a epocha são excellentes para as observações que se hão de fazer no observatorio da Universidade.

A quem convier. — Acha-se retida, no correio desta cidade, uma carta para José de Barros e Mattos, Pernambuco, que não pode seguir o seu destino por falta do competente selo.

Notas do banco de Inglaterra. — Na city de Londres houve grande alvoroço por causa d'uma certa quantidade de papel para as notas do banco de Inglaterra, que desapareceu das officinas de Portugal & C.^a, e foi empregado em notas falsas.

O banco offerceu uma recompensa de 500 libras esterlinas por qualquer informação, que podesse trazer a prisão e condemnação de algum anctor ou cúmplice, da subtração do papel, e alem d'isso uma recompensa de 1000 libras por informação, que faça prender, e condemnar, quem tiver entrado na fabricação das notas com esse papel.

Como é em Inglaterra, é provavel que o crime não fique sepultado nas trevas.

Noticias da Italia. — As redacções de alguns jornaes do Porto publicaram no domingo alguns supplementos com o seguinte telegramma:

LISBOA 31 A'S 9 HORAS E 20 MINUTOS DA MANHÃ.

Garibaldi foi prisioneiro e ferido. Perseguido por uma força de caçadores italianos, foi encontrado em Aspramonte.

Em Napoles e Genova houve demonstrações a favor de Garibaldi.

Foram inúteis os primeiros meios de represão, sendo preciso empregar a força.

São bastantes os ferimentos e prisões. Sabe-se que é gravissimo o estado da Italia.

CORREIO

LISBOA 31 DE AGOSTO

(Do nosso correspondente.)

A politica continua nos braços de Morphéu; embora alguns espiritos precipitazos a queiram despertar annunciando invejas e conflictos no gabinete, phenomenos que escapam á observação de toda a gente, menos á desses politicos transcendentes.

—Consta-me que o sr. barão da Batalha fôra absolvido no conselho a que respondeu no termo de S. Julião, por motivo d'uma carta em termos fortes que e-creveu ao sr. visconde de Sá da Bandeira.

—Falla-se em grandes promoções no Pago; diz-se que o sr. Bravo é nomeado camarista do senhor D. Luiz, e o sr. marquez de Ficalho elevado á dignidade de gentil homem.

—Tambem se falla nas pertençações de alguns cavalleiros no cargo de ministro portuguez na corte de Turin. Parece que o nomeado será o sr. marquez de Souza e Holstein.

—O distincto medico portuguez, chefe da sexta repartição do ministerio da guerra Jos.^o Antonio Marques acaba de ser nomeado para nos representar no Congresso que se vae celebrar em Paris, por iniciativa da Sociedade Universal do Ophthalmologia. Este congresso é por assim dizer filial daquelle que foi celebrado em Bruxellas em 1857, e no qual fez uma brilhante figura o sr. dr. José Antonio Marques.

No Congresso de Paris se hão de tratar as mais importantes questões que se prendem com a saúde dos exercitos. O sr. dr. Marques acaba de publicar um livro sobre o objecto, fundado nas observações estatisticas feitas escrupulosamente em o nosso paiz. São estudos estatisticos, hygienicos e administrativos sobre as doencas e a mortalidade do exercito portuguez, relativos pela maior parte, ao decennio de corrido de junho do 1851 a julho de 1861, seguidos de numerosos dados comparativos em relação a diferentes nações, e da indicação das providencias hygienicas, que reclama o mesmo exercito.

Este livro, que ainda não foi posto á venda, bastava para que o sr. dr. Marques se apresentasse no congresso com um bom trabalho, com respeito a algumas questões que ali são propostas; porem o illustre medico está concluindo uma excellente memoria destinada a provar que as suas opiniões omitidas no congresso de Bruxellas, estão confirmados pelos factos.

Em Bruxellas tambem vae haver um congresso convocado pela associação internacional para o progresso das sciencias sociaes, associação que já conta mais de mil e duzentos membros. As sessões deste congresso que serão nos dias 22, 23, 24, e 25 do proximo mez de setembro tencionam assistir tambem o sr. dr. Marques, porem é o sr. conselheiro Silva Ferrão do Supremo Tribunal de Justiça quem se acha nomeado para ali nos representar, percebendo a gratificação de setecentos mil réis.

—Vae ser brevemente posto á venda o livro do sr. D. Luiz da Camara Leme, deputado. É uma obra de grande utilidade, intitulada «Elementos da arte da guerra», precedidos de um juizo critico pelo sr. Latino Coelho.

—Na quinta-feira passada um fadista por alcunha *Pau Real* deu duas facadas na sua amazia, uma nas costas, outra n'um olho. Foi logo preso, e segundo dizem, contra as prescripções do codigo penal, já anda passeando por essas ruas com fiança. É um escandalo inaudito.

—Os preparativos para as grandes festividades do real consoreio continuam por toda a cidade. Tanto a camara municipal como os particula-

res estão empenhados em que nesses dias seja magnifico o aspecto da cidade. Todos os senhores limpam e pintam as frontarias dos seus predios; a companhia das aguas activa os seus trabalhos de um modo realmente surprehendente, nunca se viu aqui uma obra a proseguir com tamanha celeridade, e ao mesmo tempo com tão grande perfeição. A maior parte dos theatros ainda se conservam fechados, porque estão fazendo obras nas salas, e ao mesmo tempo ensaiando, peças espectaculosas para as noites festivas. As hospedarias já estão cheias; muitos e muitos quartos ajustados para a primeira quinzena de outubro, e por um alto preço.

—Juntamente com as pessoas que vão buscar á Italia a nossa futura rainha irá tambem o sr. Dantas, secretario da legação portugueza em Paris.

Os notaveis artistas Rambois e Cinatti, e o estufador Gendé estão ornando e mobilando e camara municipal para os augustos noivos no palacio d'Ajuda.

S. M. visitou hontem a corveta *Bartolomeu Dias*, a bordo da qual hade vir a princeza de Saboya.

—A festa da distribuição dos premios aos alumnos da real escola de Mafra, que se celebrou a semana passada como já noticiei, foi solemne e altamente caridosa. A salaestava luxuosamente decorada, e as creancinhas trajavam modestamente mas com muito accio.

Depois da cerimonia da abertura, El-Rei distribuiu as esmolas de vistuario a quarenta alumnos e depois distribuiu os premios a trinta alumnos. Vinte premios eram livros firmados pelo punho de S. M., e dez não tinham essa distincção. Alem destes premios deu-se a cada um dos quatro alumnos de melhor applicação um volume do *Archivo Pittoreco*, dois dos quaes eram offercidos pela Sociedade Madrepora do Rio de Janeiro. Tambem foram conferidas duas medallas de prata e quatro de cobre.

Em seguida o senhor D. Luiz deu 24 esmolas de vestuario, commemorando os 24 annos de existencia de S. M. El-Rei o senhor D. Pedro V., instituidor daquella escola.

Estiveram presentes a esta festa o sr. infante D. Augusto, quatro ministros, ajudantes d'ordens d'El-Rei, commandante do corpo d'engenheiros, e outras pessoas distinctas.

Finda a distribuição das esmolas e premios, S. M. fez um breve mas sentido discurso, fallando de seu chorado irmão, e as lagrimas intercortavam-lhe a palavra,

—Dizem os jornaes do Brazil chegados antes de hontem, que o distincto poeta brasileiro Antonio Gonçalves Dias, não morreu em Pernambuco, como se disse, mas que se achava vivo em Paris, ainda que bastante doente; e que o seu estado de saúde dava muitos serios cuidados, mas não era inteiramente desanimador.

—Já se acha aberto na rua oriental do Passeio Publico o barracão do sr. Malagarriga, para a exposição de figuras de cera de tamanho natural. É um espectáculo digno de ver-se. A porta está um municipal de cera, que illude perfeitamente.

—Falleceu a sr.^a D. Marianna Carolina Guimarães, mãe do sr. Ribeiro Guimarães, redactor do *Journal do Commercio*.

—Foi agraciado com o titulo de conselheiro o sr. bacharel Antonio Mauricio Pereira Cabral, governador civil que foi do districto de Villa-Real.

—Pelos serviços prestados para o salvamento da polvora em Baccarena por occasião do sinistro ali occorrido em 17 de maio ultimo, foram agraciados: o sr. major graduado do estado maior d'artilheria, Casimiro José de Carvalho com o grão de official da Torre e Espada. José dos Santos, Antonio Duarte da Mata e Nicolau de Jesus, com o grão de cavalleiro, o primeiro da mesma ordem, e os outros da de Christo.

—A folha official publicou antes de hontem a relação dos cidadãos agraciados com um grão na ordem da Torre e Espada, por serviços prestados durante a epidemia da febre anarella. Entre estes cidadãos notam-se os srs. Antonio da Silva Tullio, Frederico Biester, Antonio Rodrigues Sampayo, conde de Sobral, Luiz d'Almeida Albuquerque, Magalhães Coutinho. Diz o relatorio que precede esta relação, que foram perto de 18:000 as pessoas atacadas da terrivel epidemia.

—Está aberto concurso pelo prazo de 30 dias, a contar de 23 do corrente para o provimento das igrejas parochiaes de Nossa Senhora da Graça, de Fragosella, e S. Pedro, de Manhousse, no bispado de Vizeu.

—O *Diario* publicou hontem o programma que hade regular o ceremonial da sessão real de abertura das côrtes geraes extraordinarias da nação portugueza no dia 4 de setembro.

—Foi agraciado com o titulo de Monte Brazil o marechal de campo, governador da praça de Peniche, José Quintino Dias.

—Foram nomeados commendadores da Condição os srs. José de Vasconcellos Guedes e Carvalho, juiz da relação de Góia; M. J. Jovris, subdito de S. M. el-rei dos belgas; Francisco Cabral Metello Pacheco de Lemos e Napoles, presidente da camara municipal da Guarda, e vogal do conselho daquelle districto; — e da ordem de Christo os srs. Joaquim Antonio das Neves, secretario geral do districto de Villa-Real, Affonso de Castro, capitão do exercito, o cavalleiro Stropel, director da camara aulica de S. A. R. o principe de Hohenzollern Sigmaringen.

—Pelo ministerio da guerra se ordenou a todos os commandantes de divisões militares, e os das armas especiaes que observem exactamente

o disposto na ultima parte do artigo 9.^o dos de guerra, bem como nos §§ 4.^o, 5.^o e 10.^o do capitulo 1.^o, e no capitulo 6.^o do regulamento disciplinar, as quaes disposições impõem a todos os chefes militares a obrigação de dar seguimento ás reclamações dos seus subordinados. Tambem se ordenou que os mesmos chefes façam reformar quaesquer requerimentos, ou outras reclamações que concebidos em termos menos convenientes, ou respeitosos, ou que de outra maneira sejam offensivos da disciplina.

MOVIMENTO DA BARRA Aveiro 30 d'agosto Entradas

PORTO, Hiate port. Deus Sobretudo, m. J. D. Ré, 7 pes. de trip., ferro á empresa Salamanca
IDEM, Rasca port. Correo d'Aveiro, m. M. Ruivo, 8 pes. de trip., lastro.

Saídas.

PORTO, Hiate port. Bragança, m. D. da Rocha, 7 pes. de trip., sal.
IDEM, Hiate port. Conceição Feliz, m. F. d'Oliveira, 7 pes. de trip., sal.
IDEM, Hiate port. Fenix, m. J. Nunes, 8 pes., de trip., sal.
IDEM, Hiate port. Cruz 2.^a, m. J. da Rocha, 8 pes. de trip., sal.
IDEM, Hiate port. Novo Attrevido, m. M. Marques, 7 pes. de trip., sal.
IDEM, Hiate port., Dois Irmãos, m. M. A. S. Netto, 7 pes. de trip., sal.
IDEM, Cahique port. Perola do Vouga, m. M. Vicente, 7 pes. de trip., sal.
VILLA DO CONDE, Bateira port. Olho Vivo, m. D. de Angelica, 6 pes. de trip., sal.
VILLA NOVA DE PORTIMÃO, Cahique port. Santa Ritta, 8 pes. de trip., madeira, e feijão.

Entradas em 31

VILLA DO CONDE, Hiate port. Baptista, m. A. J. Marrafa, 6 pes. de trip., lastro.
SUANSEA, Hiate port. Lialdade, m. M. A. Lobre, 7 pes. de trip., carvão de pedra.

ANNUNCIOS

O PROVIR DAS FAMILIAS

COMPANHIA DE SEGUROS SOBRE A VIDA

Socios em 1857, 14:500 — Em Abril de 1860, 49:500. — Em Dezembro de 1860, 57:500.

O conselho de vigilancia, presidido pelo exm.^o Duque de Abrantes, Grande de Hespanha e Senador, é composto de pessoas notaveis pela sua riqueza, probidade e independencia e além desta indubitavel garantia, responde pela exactidão da administração, o enorme capital de 32.000:000 de reales vellon, — ou rs. 1.500:000:5000

Os fundos em que são convertidos os ingressos, são depositados no Branco de S. Fernando. Um Delegado do Governo vigia as operações da Companhia.

O fim desta benéfica associação é o aproveitamento louvavel d'economias para formar reservas, dotes, ou capitaes, mediante um tenue sacrificio.

O capital por que se subscrive pôde ser satisfeito por um pagamento unico, ou em prestações annuaes. A quantia da subscrição é illimitada; o minimo, porém é de 400 reales vellon (19/200) pagamento unico, ou uma prestação de 100 reales, ou 4,800.

O augmento da subscrição é sempre a razão de 100 reales, ou 4,800 rs. A subscrição faz-se por quinquennios, que terminam em 1864, 1869, 1874, 1879, ou 1884. As liquidações tem logar no anno seguinte.

Ainda que as entradas se effectuem no decurso do anno, são equiparadas ás do 1.^o de janeiro pelo pagamento de supplementos, calculados nas diversas idades por uma tabella especial.

As subscrições feitas por cinco annos, terminam forçosamente no fim de 5 annos, a contar de data em que principiaram; as que forem feitas por maior numero de quinquennios, tem a faculdade de liquidarem em qualquer dos quinquennios intermedios, avisando disso a Direcção Geral em Madrid, com trez mezes de anticipação, pelo menos.

Cadauca o seguro pela morte do segurado; ou se omitir o subscriptor d'enviar no decurso de 6 mezes depois do fim de cada quinquenio, em como era vivo o segurado á meia noite do dia 31 de dezembro; em que elle terminou. Esta disposição é indispensavel, sua falta importa a ceducidade do seguro.

Quando, por qualquer razão o subscriptor não pague as suas prestações, mostrando-se que o segurado é vivo, no termo do seguro é restituída a mesma somma, que a Companhia haja recebido. É necessaria a entrega opportuna da certidão de idade.

O seguro pode fazer-se:

1. — com alienação do capital e juros
2. — com alienação de juros somente
3. — com alienação do capital somente

No 1.^o caso o subscriptor perde tudo, pela morte do segurado, no segundo, é restituído o capital, morrendo o segurado; no 3.^o o subscriptor recebe o juro, mas perde o capital pela morte do segurado.

Producto provavel em diferentes idades

D'um capital de 2,400:000 rs. por prestações annuaes de 96:000

IDADE	1. ^o quinquenio	2. ^o quinq. ^o	3. ^o quinq. ^o	4. ^o quinq. ^o	5. ^o quinq. ^o
1 dia a 1 anno	1,125:000	4,200:000	9,450:000	21,000:000	48,000:000
1 anno 2 "	975:000	3,250:000	7,600:000	18,000:000	38,500:000
2 " 3 "	925:000	3,050:000	7,400:000	17,000:000	35,500:000
3 " 4 "	920:000	3,000:000	7,150:000	15,950:000	34,850:000
4 " 15 "	920:000	2,950:000	7,000:000	15,600:000	35,200:000
15 " 20 "	920:000	2,950:000	7,000:000	15,600:000	35,200:000
20 " 30 "	920:000	2,950:000	7,200:000	16,000:000	38,000:000
30 " 40 "	925:000	3,000:000	7,350:000	17,000:000	40,000:000
40 " 50 "	975:000	3,200:000	7,600:000	18,800:000	50,000:000
50 " 60 "	1,120:000	4,400:000	10,500:000	23,200:000	62,000:000

As liquidações effectuadas dão resultados superiores a estes calculos; que são baseados sobre as invariaveis leis da mortalidade. O producto das subscrições é pago á opção dos subscriptores em Madrid, ou em Portugal, as prestações pagam-se em janeiro de cada anno.

Producto provavel d'um capital subscripto

e pago por uma só vez de 960:000 réis

IDADE	1. ^o quinquenio	2. ^o quinq. ^o	3. ^o quinq. ^o	4. ^o quinq. ^o	5. ^o quinq. ^o
1 dia a 1 anno	2,770:000	4,112:000	6,008:000	9,275:000	15,565:000
1 anno 2 "	2,165:000	2,880:000	4,655:000	6,850:000	11,550:000
2 " 3 "	1,845:000	2,630:000	4,032:000	6,160:000	9,500:000
3 " 4 "	1,742:000	2,545:000	3,652:000	6,580:000	8,570:000
4 " 15 "	1,728:000	2,535:000	3,916:000	5,950:000	8,895:000
15 " 20 "	1,735:000	2,598:000	4,015:000	6,096:000	9,495:000
20 " 30 "	1,765:000	2,688:000	4,180:000	6,576:000	10,580:000
30 " 40 "	1,786:000	2,818:000	4,565:000	7,710:000	12,155:000
40 " 50 "	1,866:000	3,152:000	5,680:000	11,280:000	21,440:000
50 " 60 "	2,075:000	4,114:000	9,460:000	27,500:000	60,000:000

A administração provê a todas as despesas de gerencia pela commissão de 4 por cento do capital subscripto; e 1 por cento do liquido producto ou de 5 por cento sobre o capital subscripto, pago desde logo. A apolice custa 12 reales.

Nas agencias dão-se todos os esclarecimentos que se exigirem. A administração remette mensalmente um boletim aos subscriptores, para verificarem o que lhes for interessante. Nenhuma outra Companhia offerece garantias superiores ou mesmo eguaes.

REPRESENTANTE-GERAL

Eduardo Moser

Porto, Rua dos Ingleses n.^o 27 e 29.

Na mesma agencia effectuam-se

Seguros da vida, para o caso de morte.
Seguros de pensões ou annuaes vitalicias.
Seguros Maritimos
Seguros Fluviaes do Douro
Seguros contra Fogo, dentro e fóra da Cidade.

Por conta da Companhia La Union de Madrid.

cujo capital é de 1,600:000 Duros fortes

As condições são para os Segurados muito mais favoraveis, do que as de qualquer estabelecimento de Seguros nesta Cidade, e as garantias não são inferiores a qualquer delles. Os sinistros; são promptamente pagos nesta Cidade.

Agente em Aveiro, A. Duarte Pinheiro e Silva